Uma análise das relações comerciais recentes do estado de Mato Grosso do Sul com a Bolívia

Márcio Augusto Scherma[1]

Resumo: A política externa de Luiz Inácio Lula da Silva foi marcada por um incremento nas relações com a América Latina, em grande medida como parte de um projeto de projeção internacional do Brasil. Do ponto de vista econômico, aumentou a importância do subcontinente para o comércio internacional brasileiro. A intenção do trabalho proposto é, por conseguinte, avaliar se essa janela de oportunidades foi aproveitada pelo estado de Mato Grosso do Sul em relação ao mercado da Bolívia, um dos países com o qual faz fronteira. Serão investigados: a evolução do montante exportado; os principais produtos; o tamanho das empresas exportadoras e os setores aos quais pertencem. Pretende-se, então, não apenas verificar se houve incremento exportador, como também qualificar o comércio Mato Grosso do Sul – Bolívia na última década e analisar os motivos político-econômico-sociais que são a razão do atual cenário comercial entre os dois entes.
Palavras-chave: Mato Grosso do Sul; Bolívia; comércio exterior.

Abstract: Luiz Inácio Lula da Silva's foreign policy was marked by an increase in relations with Latin America, largely as part of a brazilian international projection project. From an economic point of view, the importance of the subcontinent for the brazilian foreign trade. The intent of this paper is, therefore, assess whether this window of opportunity was harnessed by the state of Mato Grosso do Sul, in terms of increasing its relation with the bolivian market, since Bolivia is one of the countries with which it borders. Will be investigated in this paper: the evolution of the amount exported; the main products; size of exporting companies and the sectors to which they belong. The aim is then not only to investigate if there has been export growth, but also qualify the Mato Grosso do Sul - Bolivia trade over the last decade and analyze the political, economic and social aspects that are the reason for the current business scenario between these two entities.
Keywords: Mato Grosso do Sul; Bolivia; foreign trade.

A POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO LULA

Os primeiros anos do século XXI foram marcados por alguns movimentos importantes no que diz respeito ao cenário internacional. Podemos destacar, dentre eles, o fortalecimento das chamadas "potências médias" - como China, Rússia, Índia; a forte migração de capitais para a China; insegurança energética; e concentração de poder internacional - e suas decorrentes consequências, como o arbítrio e violência por parte da

[1] Professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Contato: marcioscherma@gmail.com

potência principal. Nesse cenário, o Brasil - à espera de mudanças de rumo - elege Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência em 2002.

Embora no plano interno a gestão Lula da Silva tenha dado continuidade a alguns aspectos do governo anterior - sobretudo no tocante à política econômica (GIAMBIAGI, 2005) - no plano externo a diferença foi bastante significativa. Como ressalta Vizentini (2013, p. 112), a posse de Lula significou a possibilidade de materialização de um projeto de política externa que já vinha sendo desenvolvido há mais de uma década[2].

Manteve-se o entendimento cristalizado desde o governo Juscelino Kubitscheck de que as relações externas deveriam contribuir decisivamente para o desenvolvimento da economia brasileira, conforme apontaram Cervo e Bueno (2002).

Contudo, ainda que o objetivo fosse o mesmo, os métodos trariam diferenças significativas em relação às gestões anteriores. Vigevani e Cepaluni (2011) destacam que os anos em que Fernando Henrique Cardoso esteve na Presidência da República foram marcados, no que diz respeito à ação externa, por um modelo que denominaram "autonomia pela participação". Segundo os autores (2011, p. 94), imaginava-se que

> [...] participando ativamente na organização e na regulamentação das relações internacionais, a diplomacia brasileira contribuiria para o estabelecimento de um ambiente favorável ao desenvolvimento econômico [...] Nesse sentido, o governo Fernando Henrique Cardoso se caracterizou pela busca constante de normas e regimes internacionais, uma busca que visava fomentar um ambiente internacional o mais institucionalizado possível

Deste modo, o país mostrava uma postura moderada e, de certa forma, conformista e voluntarista, especialmente no que diz respeito à aceitação de regras formuladas pelas grandes potências. Nesse cenário, apesar de buscar a diversificação de parcerias econômico-políticas, a ênfase estava sobretudo no relacionamento com os países responsáveis pela formulação destas regras – notadamente, Estados Unidos e União Europeia. Além destes centros, os países vizinhos (sobretudo via Mercosul) também ocuparam papel central na gestão de Cardoso.

A política externa de Lula da Silva trouxe, portanto, um modo distinto de buscar o desenvolvimento nacional através das relações externas. Vigevani e Cepaluni (2011) nomearam esse modelo como de "autonomia pela diversificação", que, segundo os mesmos (2011, p. 136) pode ser resumido nas seguintes diretrizes:

[2] Os nomes escolhidos para comandar as relações exteriores indicam isso. Tanto o Ministro Celso Amorim quanto o Secretário-Geral Samuel Pinheiro Guimarães e o assessor especial Marco Aurélio Garcia vinham apresentando suas ideias e projetos ao longo dos anos em publicações e palestras.

> [...] adesão aos princípios e normas internacionais por meio de alianças Sul-Sul, incluindo alianças regionais, mediante acordos com parceiros comerciais não tradicionais (China, Ásia-Pacífico, África, Leste Europeu, Oriente Médio, etc.), na tentativa de reduzir assimetrias nas relações exteriores com as potências e, ao mesmo tempo, manter boas relações com os países em desenvolvimento, cooperando em organizações internacionais e reduzindo, assim, o poder dos países centrais

Através dessa centralidade em relação aos países do "sul", mas sem deixar de lado as relações com os países do "norte", o Brasil buscou se projetar como potência no sistema internacional. A percepção era de que o país tinha capacidade para se projetar de forma mais forte no sistema internacional. Keohane (1969) desenvolveu o conceito de "*system-affecting states*" para designar aquelas potências médias que, ainda que não sejam capazes de afetar o sistema internacional agindo isoladamente, são capazes de impactos significativos nesse mesmo sistema ao formar grupos ou alianças em organizações regionais e/ou universais.

Essa percepção leva a estratégias de criação de parcerias e/ou de projeção enquanto potência regional. Como observou Hurrell (2009), a preponderância regional deveria representar parte importante de qualquer reivindicação do status de grande potência. Desta forma, um país pode enxergar a região em que se insere como meio de agregar poder e fomentar uma coalizão regional para facilitar suas negociações internacionais.

A partir de uma reconhecida liderança regional, o país passaria a ser visto como potência na medida em que cumpre bem o papel de administrador ou produtor da ordem regional, garantindo, por exemplo, participação no gerenciamento de crises regionais, ou também através da cooperação internacional. Essa parece ter sido a tônica de atuação do governo Lula para a América do Sul. Conforme destacou Prado (2012, p. 63)

> Durante os oito anos de mandato, a América do Sul foi prioridade máxima, não só como um fim, mas também como uma maneira de demonstrar capacidade de liderança regional e alcançar, com isso, um status mais relevante no sistema internacional, de representante da América do Sul. A atuação pragmática da chancelaria nacional em contendas envolvendo os países vizinhos (ou mesmo o próprio Brasil) caracteriza a hipótese de que o Brasil se utilizou, durante esse período, da política externa para a América do Sul como um instrumento de viabilização de poder do país no cenário internacional

O Brasil demonstra, em discursos e em ações[3], estar disposto a adotar uma postura de liderança benéfica; ou seja, dá mostra de estar disposto a incorrer em perdas relativas em curto prazo em prol do desenvolvimento dos vizinhos, que geraria benefícios futuros. Conforme destacou o então Presidente Lula,

> [...] é preciso que o Brasil cresça, se desenvolva e que os países vizinhos também cresçam e se desenvolvam, porque aí nós iremos criar um continente altamente desenvolvido com o povo tendo uma qualidade de vida extraordinária [...]. A um país como o Brasil não interessa ser apenas um país grande, economicamente forte, com um monte de gente pobre do seu lado. É preciso que todos cresçam, que todos tenham condições de se desenvolver"

Por conseguinte, tanto a atuação política quanto econômica junto aos vizinhos chegam ao posto de prioridade. Destacam-se sobretudo a ampliação do Mercosul – e, nele, a criação tanto do Fundo para Convergência Estrutural e Fortalecimento Institucional do Mercosul (FOCEM) quanto do Parlamento do Mercosul (Parlasul) – e a iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional da América do Sul (IIRSA)[4].

O governo Lula buscou, portanto, alavancar e diversificar o comércio internacional do Brasil, incluindo novos parceiros e conferindo mais ênfase aos países do sul – dentre os quais os sul-americanos. Estes últimos recebiam ainda maior ênfase, dada a importância estratégica mencionada anteriormente. Desta forma, o destino das exportações brasileiras alterou-se, conforme a tabela a seguir aponta.

Tabela 1. Exportações brasileiras por países e/ou blocos econômicos selecionados (2002 e 2010). U$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
América do Sul	7.493.669.687	12,4%	37.169.150.093	18,4%
União Europeia	15.638.101.196	25,9%	43.323.895.760	21,5%
EUA	15.377.822.589	25,4%	19.307.295.562	9,6%
África (exclusive Oriente Médio)	2.363.340.654	3,9%	9.261.599.799	4,6%
Ásia (exclusive Oriente Médio)	8.798.155.278	14,6%	56.272.595.819	27,9%
TOTAL	**60.438.653.035**		**201.915.285.335**	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

[3] Casos da Bolívia (nacionalização do gás), e do Paraguai (tarifas da energia de Itaipu), dentre outros.
[4] É importante ressaltar o papel destinado às empresas brasileiras nesse processo, sobretudo na IIRSA.

Conforme pode ser observado, a participação da América do Sul como destino das exportações brasileiras sofreu incremento significativo, passando a representar em 2010 (último ano de mandato de Lula) 18,4% do total, frente a 12,4% em 2002 (último ano de governo FHC). Em valores absolutos, o incremento foi de 496%.

Logo após a Ásia, a América do Sul foi a região em que as exportações brasileiras mais aumentaram, tanto em termos absolutos quanto no percentual total. As exportações para a União Europeia (UE) apresentam crescimento expressivo, embora diminua sua parcela de participação total, ao passo que as exportações para os EUA mostram crescimento modesto e significativa perda de participação no total. Há diferenças quando analisamos as importações:

Tabela 2. Importações brasileiras por países e/ou blocos econômicos selecionados (2002 e 2010). U$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
América do Sul	7.630.563.178	16,2%	25.911.924.532	14,3%
União Europeia	13.496.564.226	28,6%	39.150.977.830	21,5%
EUA	10.287.452.316	21,8%	27.044.361.398	14,9%
África (exclusive Oriente Médio)	2.675.612.821	5,7%	11.297.251.661	6,2%
Ásia (exclusive Oriente Médio)	7.995.940.685	16,9%	56.150.467.681	30,9%
TOTAL	**47.242.654.199**		**181.768.427.438**	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Enquanto a Ásia praticamente dobra sua participação no total geral de importações brasileiras, União Europeia, Estados Unidos e mesmo a América do Sul perdem espaço, apesar de incrementos substantivos em valores absolutos.

Para a América do Sul, esse cenário certamente confirma a ênfase propagada pelos *policy-makers*, e apontada pelos estudiosos, uma vez que aumentam substantivamente tanto as exportações quanto as importações. Contudo, é interessante notar que o saldo comercial, que era ligeiramente desfavorável ao Brasil em 2002, passa a ser bastante favorável em 2010. Quando analisamos as exportações por países, o cenário é o seguinte:

Tabela 3. Exportações brasileiras para os países da América do Sul (2002 e 2010). U$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
Argentina	2.346.508.274	31,3%	18.522.520.610	49,8%
Bolívia	422.205.557	5,6%	1.162.820.493	3,1%
Chile	1.464.798.651	19,5%	4.258.362.263	11,5%
Colômbia	638.528.003	8,5%	2.196.082.529	5,9%
Equador	389.283.340	5,2%	978.681.264	2,6%
Guiana	8.754.947	0,1%	28.300.575	0,1%
Guiana Francesa	3.084.708	0,0%	5.493.693	0,0%
Paraguai	559.625.414	7,5%	2.547.907.945	6,9%
Peru	438.663.064	5,9%	2.020.560.291	5,4%
Suriname	10.701.965	0,1%	63.376.186	0,2%
Uruguai	412.541.589	5,5%	1.531.072.404	4,1%
Venezuela	798.974.175	10,7%	3.853.971.840	10,4%
TOTAL	**7.493.669.687**		**37.169.150.093**	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Já no tocante às importações, o cenário pode ser analisado na tabela 4.

Tabela 4. Importações brasileiras dos países da América do Sul (2002 e 2010). U$ FOB

País/Bloco	2002	%	2010	%
Argentina	4.743.785.116	62,2%	14.434.593.883	55,7%
Bolívia	395.829.631	5,2%	2.233.080.299	8,6%
Chile	648.733.881	8,5%	4.181.964.042	16,1%
Colômbia	108.499.896	1,4%	1.079.110.914	4,2%
Equador	14.906.908	0,2%	56.885.016	0,2%
Guiana	25.641	0,0%	66.515	0,0%
Guiana Francesa	1.598	0,0%	61.795	0,0%
Paraguai	383.087.752	5,0%	611.400.544	2,4%
Peru	217.782.733	2,9%	907.720.951	3,5%
Suriname	2.621	0,0%	216.710	0,0%
Uruguai	484.847.356	6,4%	1.574.156.731	6,1%
Venezuela	633.060.045	8,3%	832.667.132	3,2%
TOTAL	**7.630.563.178**		**25.911.924.532**	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Assim, de um saldo de cerca de U$ 137 milhões, a região passa a ter um déficit de cerca de U$ 11 bilhões. Entretanto, apenas Argentina e Bolívia apresentaram mudanças de "status": enquanto o primeiro passa de superavitário a deficitário, o segundo faz o movimento inverso.

Em suma, a política externa de Lula mostrou alterações significativas em relação à gestão anterior. A ênfase na projeção internacional do Brasil de modo mais assertivo passou pela busca da construção de liderança regional na América do Sul. Incentivando a integração física (com apoio das empresas brasileiras, claro) e buscando ampliar as relações comerciais, o Brasil conferiu certamente uma ênfase inédita na região.

Entretanto, apesar de discursos de "liderança benéfica" e de episódios em que sofreu perdas relativas, o Brasil, no campo comercial, acabou por ampliar seus interesses. Gerou, então, déficits comerciais dos demais países sul-americanos para consigo. Além disso, em muitos casos a atuação de empresas brasileiras gerou críticas na região, de forma que o processo não foi harmônico.

A próxima seção busca apresentar o caso específico da Bolívia e sua importância enquanto parceiro comercial para o Brasil. Mais adiante, a análise centrar-se-á na relação da Bolívia com o estado de Mato Grosso do Sul.

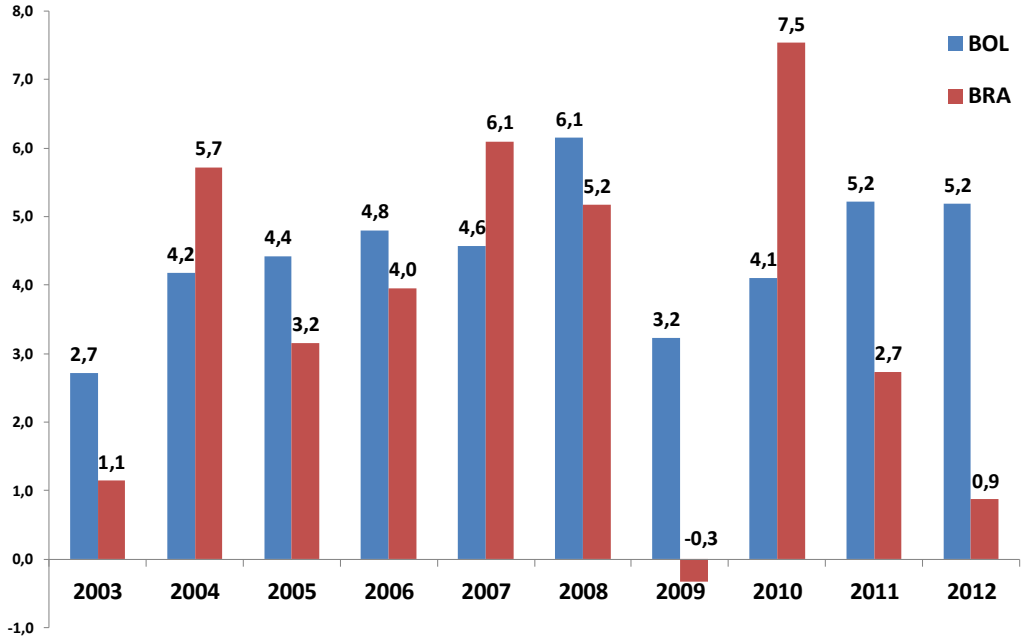
A BOLÍVIA E AS OPORTUNIDADES ECONÔMICAS

A Bolívia localiza-se no centro da América do Sul, tendo divisas com Brasil, Argentina, Paraguai, Chile e Peru e possui população de cerca de 11,2 milhões de habitantes. Os departamentos mais populosos, de Santa Cruz de la Sierra e La Paz, concentram mais de 50% do total da população[5]. O fato do departamento mais populoso fazer divisa com o Brasil traduz-se num movimento significativo de intercâmbio não apenas econômico, mas também social e cultural.

O crescimento da economia boliviana foi constante entre 2003 e 2012. Nem mesmo no auge da crise mundial houve recessão. Na comparação com as taxas de crescimento da economia brasileira, em sete dos dez anos compreendidos entre 2003 e 2012, a Bolívia cresceu a taxas mais elevadas.

[5] Dados do Instituto Nacional de Estadísticas - projeção para o ano de 2014. Disponível em <http://www.ine.gob.bo/indice/visualizador.aspx?ah=PC20411.HTM>. Último acesso em 16/09/2014.

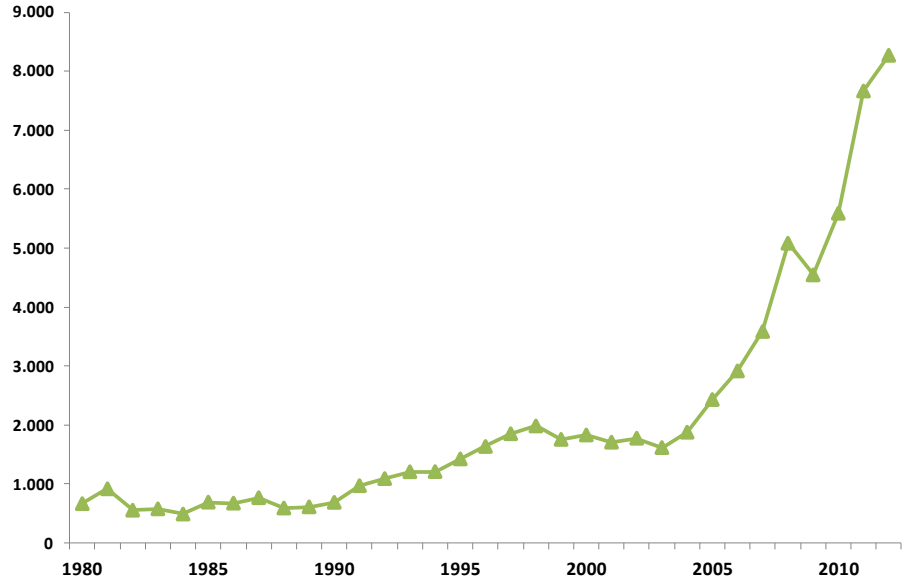
Gráfico 1. Crescimento do PIB - Brasil e Bolívia (2003 a 2012). Em %.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Banco Mundial.

O país tem aumentado significativamente suas importações ao longo do tempo, sobretudo a partir de 2003, quando há um movimento que termina por quintuplicar o valor importado (de U$ 1,6 bi em 2003 para U$ 8,2 bi em 2012), conforme pode ser visto no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2. Volume importado pela Bolívia (1980 a 2012), em U$ milhões.

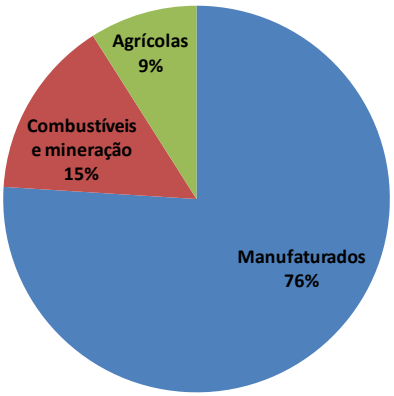


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da OMC, International Trade.

Na pauta de importações boliviana estão sobretudo os produtos industrializados, já que o país tem poucas indústrias nacionais. Esse é o cenário sobretudo no que diz respeito às importações feitas junto ao Brasil. Segundo dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) do Brasil, os produtos manufaturados corresponderam a mais de 75% das exportações brasileiras à Bolívia em 2013, conforme observa-se no gráfico 3.

Pode-se constatar, portanto, que a Bolívia é uma economia em expansão. Além disso, as condições históricas de seu desenvolvimento implicaram ao país a necessidade de importação de produtos manufaturados (tanto bens de consumo duráveis quanto não-duráveis). O Brasil, pela localização geográfica privilegiada e pelo maior desenvolvimento industrial relativo, é um parceiro quase natural da economia boliviana.

Gráfico 3. Importações da Bolívia junto ao Brasil (2013), em %



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do MDIC.

Feita esta breve explanação, buscar-se-á agora caracterizar as principais dinâmicas da economia sul-mato-grossense e relacioná-las com a inserção do estado no comércio internacional. A seguir, analisar-se-ão as relações comerciais entre o Mato Grosso do Sul e a Bolívia.

O MATO GROSSO DO SUL

O estado do Mato Grosso do Sul (MS) é fruto do desmembramento do antigo estado de Mato Grosso, em 1977. É o sexto maior estado brasileiro em área (cerca de 357.000 km2), e o 21º em população, com cerca de 2,5 milhões de habitantes[6]. Faz divisa com cinco estados brasileiros (Goiás, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais, e São Paulo) e dois países (Bolívia e Paraguai).

Tal qual a economia brasileira como um todo, a economia do Mato Grosso (e, depois, do Mato Grosso do Sul) organizou sua economia exportadora a partir das influências recebidas do centro econômico mundial. Nesse sentido, Lamoso (2011b) demonstrou que a pauta de exportações de Mato Grosso do Sul é marcada por produtos básicos. Lamoso (2011b, p. 41) assinalou a esse respeito que "A base exportadora do Mato Grosso do Sul revela o papel que foi destinado ao agronegócio para conter o déficit que se abriu na balança comercial com as políticas neoliberais dos anos 90".

Ora, se a pauta de exportações do MS é composta essencialmente por produtos básicos e a pauta de importações bolivianas composta essencialmente de manufaturados, é de se esperar que as relações comerciais entre ambos não sejam tão acentuadas. De fato, pode-se observar que em 2013, a Bolívia foi apenas a 24ª maior receptora das exportações sul-mato-grossenses, conforme mostra a tabela 5.

Tabela 5. Principais países de destino das exportações do MS (2013)

Posição	País	Posição	País
1	China	13	Venezuela
2	Argentina	14	Chile
3	Holanda	15	Estados Unidos
4	Rússia	16	Tailândia
5	Itália	17	Malásia
6	Hong Kong	18	Taiwan
7	Japão	19	Emirados Árabes
8	Coreia do Sul	20	Indonésia
9	Irã	21	Vietnã
10	Egito	22	Canadá
11	Arábia Saudita	23	França
12	Argélia	**24**	**Bolívia**

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

[6] Informações disponibilizadas pelo IBGE.

Ao analisarmos essa mesma posição ao longo dos últimos anos, é possível constatar um movimento intermitente; ou seja, a posição ocupada pela Bolívia como receptora das exportações do Mato Grosso do Sul é bastante inconstante, oscilando entre o 11º lugar (2009 e 2011) e o 25º lugar (2008 e 2012). Não há, portanto, um crescimento linear da Bolívia como mercado para os produtos do MS.

Quando comparado o papel da Bolívia como destino das exportações brasileiras como um todo com o papel da Bolívia nas exportações do MS, pode-se imaginar, inicialmente, que este último seria mais acentuado, dada a proximidade geográfica. A comparação confirma essa hipótese, conforme aponta a tabela 6. Portanto, o componente geográfico parece fazer diferença a favor do Mato Grosso do Sul nesse caso.

Tabela 6. Posição da Bolívia entre os destinos das exportações do MS e Brasil (2000-2013)

Ano	MS	BR
2000	12º	36º
2001	18º	31º
2002	19º	33º
2003	12º	35º
2004	19º	34º
2005	20º	38º
2006	24º	39º
2007	19º	37º
2008	25º	38º
2009	11º	40º
2010	12º	38º
2011	11º	38º
2012	25º	37º
2013	24º	36º

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Ao analisarmos a evolução da composição da pauta de exportações do MS à Bolívia, notamos que em 2003, dos dez principais produtos exportados, a maior parte pode ser classificada como produtos básicos. Dez anos depois o cenário se inverte, e a maior parte dos produtos exportados é manufaturada e/ou semi manufaturada, conforme a tabela 7.

Tabela 7. Principais produtos exportados:MS/Bolívia (2003 e 2013)

2003	2013
Outros grãos de soja, mesmo triturados	Cimentos não pulverizados ("clinkers")
Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade<=5l	Arroz semibranqueado, etc.n/parboilizado, polido, brunido
Cimentos não pulverizados ("clinkers")	Outs.refrigeradores, vitrinas, balcoes, etc.p/prod.de frio
Algodão simplesmente debulhado, não cardado nem penteado	Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade<=5l
Outras sementes forrageiras, para semeadura	Outs.calçads.sol.ext.borr./plást.couro/nat.
Carnes de galos/galinhas, n/cortadas em pedaços, congel.	Outros tratores
Outras vacinas para medicina veterinária	Outras sementes forrageiras, para semeadura
Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose	Outros condutores eletr.p/tensao<=80v
Granito em bruto ou desbastado	Amido de milho
Água incl.mineral/gaseif.adicion.açúcar, aromatizada, etc	Congeladores (freezers) tipo cofre, capacidade<=800l

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Fazendo a mesma análise para o total de exportações brasileiras, o cenário é bastante distinto. Ainda que haja uma variação considerável nos principais produtos exportados, eles continuam sendo majoritariamente classificados como bens semi manufaturados ou manufaturados, como consta na tabela 8.

Tabela 8. Principais produtos exportados: Brasil/Bolívia (2003 e 2013)

2003	2013
Outros grãos de soja, mesmo triturados	Barras de ferro/aço, lamin.quente, dentadas, etc.
Barras de ferro/aço, lamin.quente, dentadas, etc.	"Gasóleo" (óleo diesel)
Outros tratores	Betume de petróleo
Outros polietilenos s/carga, d>=0.94, em formas primárias	Outros tratores
Tecido de algodão>=85%, fio color.denim, indigo, p>200g/m2	Outros polietilenos s/carga, d>=0.94, em formas primárias
Outros calçados de couro natural	Outros condutores eletr.p/tensao<=80v
Papel fibra mec<=10%, 40<=p<=150g/m2, fls.lado<=360mm	Polipropileno sem carga, em forma primária
Outras máquinas e aparelhos para colheita	Outros fungicidas apresentados de outro modo
Outros herbicidas apresentados de outro modo	Veículos automóveis p/transp>=10 pessoas, c/motor diesel
Polipropileno sem carga, em forma primária	Ceifeiras-debulhadoras

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

Constata-se, portanto, que apesar da economia sul-mato-grossense estar baseada essencialmente na agropecuária, com a Bolívia o estado foi capaz de diversificar sua pauta exportadora, incluindo um número maior de produtos semi manufaturados e/ou manufaturados na última década. A proximidade geográfica entre o Mato Grosso do Sul e a Bolívia, somada aos incentivos à exportação e priorização da América do Sul pela política externa brasileira, parecem ter conferido um incremento nas exportações do estado.

Vale a pena, ainda, salientar que muito embora essa diversificação da pauta exportadora do MS tenha levado a um aumento dos valores totais de exportação (aumentam cerca de 365% em 10 anos), esse aumento foi incapaz de frear o enorme déficit comercial nessa relação, devido sobretudo à importação de gás natural boliviano, conforme aponta a tabela 9, a seguir.

Tabela 9. Balança comercial MS/Bolívia (2003 e 2010). U$ FOB

	Exportações	Importações	Saldo
2003	12.894.976	346.523.400	-333.628.424
2013	47.004.724	3.686.455.816	-3.639.451.092

Elaborado pelo autor a partir de dados do Aliceweb/MDIC

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o texto mostrou, a política externa de Lula da Silva foi marcada por um incremento nas relações com a América Latina, em grande medida como parte de um projeto de projeção internacional do Brasil. Do ponto de vista econômico, o crescimento de exportações e importações foi notável, aumentando a importância da região no comércio internacional brasileiro.

A Bolívia, um de seus vizinhos, tem uma importância regional bastante destacada. Faz fronteira com os estados brasileiros do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e Acre, sendo que sua economia vem crescendo a uma média superior a 4% ao ano.

Esse cenário parece indicar boas possibilidades de incremento do comércio entre o Mato Grosso do Sul e a Bolívia. De fato, quando observamos em termos de volume, as exportações do MS para a Bolívia tiveram um crescimento de cerca de 365%, taxa significativamente maior do que o crescimento das exportações brasileiras para o vizinho (em torno de 275%). Estes dados parecem indicar que o fator geográfico (com todas as facilidades logísticas, portanto) e a adaptação da pauta sul-mato-grossense contribuíram para o crescimento das exportações em proporção maior que aquelas feitas pelo país em geral.

Dessa maneira, longe de esgotar o assunto, o presente trabalho buscou apontar alguns elementos indicativos das relações econômicas entre o Mato Grosso do Sul e a Bolívia. Para compreender melhor as relações econômicas entre ambos, é necessário investigar outros aspectos, como os investimentos diretos, por exemplo. Assim, as

informações ora apresentadas são apenas um primeiro passo na direção do estudo dessas crescentes relações, buscando encontrar novas possibilidades e soluções para os possíveis gargalos que porventura impeçam o avanço ainda maior dessa integração econômica.

BIBLIOGRAFIA

CERVO, Amado L.; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002.

GIAMBIAGI, Fabio. Rompendo com a ruptura: o governo Lula (2003-2004). In: GIAMBIAGI, F. ; VILLELA, A. (orgs). **Economia Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro, Ed. Elsevier, 2005.

HURREL, Andrew. **Os BRICS e a ordem global**. Rio de Janeiro, FGV, 2009.

KEOHANE, Robert. Lilliputians' Dilemmas: Small States in Internatinal Politics. In: **International Organization**, vol. 23, n. 2, 1969.

LAMOSO, Lisandra. Dinâmicas produtivas da economia de exportação no Mato Grosso do Sul - Brasil. In: **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 21, p.33-47, 2011a.

_____ . Comércio exterior e estruturas produtivas no Mato Grosso do Sul. In: **Revista Geosul**, v.26, n.51, 2011b.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. A Política Externa do Brasil no Século XXI: Os Eixos Combinados de Cooperação Horizontal e Vertical In: **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v. 51, nº2, 2008.

PRADO, Lídia. **Soy loco por ti, América: a integração regional como prioridade da política extrema brasileira na era Lula (2003-2010)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 2012.

VIGEVANI, T; CEPALUNI, G. **A política externa brasileira: a busca da autonomia, de Sarney a Lula**. Ed. Unesp, São Paulo, 2011.

VIZENTINI, Paulo F. **A projeção internacional do Brasil (1930-2012)**. Ed. Campus/Elsevier, Rio de Janeiro, 2013.

Recebido: 30/10/2015
Aprovado: 30/12/2015